N.º 59 (2.º) — (181) — 4.º ANNO   Terça-feira, 26 de Dezembro de 1911   PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSAO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida).40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO» Redacção e administração, R. do Poço dos Negros, 81, 1.º

O grande banquete... familiar!

BANCO PORTUGAL
36000$00
BIBLIOTECA
DEFICIT
DECIMAS
SILVA E SOUZA

Digam lá, que não são estes os magicos felizes da festa do... Natal. E para o Zé, lá estão os duros ossos

Fitas corridas

Ha velhotes rabugentos mas como o sr. Anselmo Braancamp existem muito poucos. E' d'uma rabugice extraordinaria! E' irritante! Chega a sêr um banho d'agua fria no inverno!

Já o facto de S. Ex.ª sêr um accumulador de presidencias (Senado, Camara Municipal, etc. etc.) é um indicio da «bilis». Emfim, leitôres, o sr. Braancamp é um rabugento de marca X P T O.

Pois sabem o que disse o referido senhor no Parlamento? Uma coisa muito bonita. Que é vergonhoso ir-se a Belem ao palacio da Presidencia e encontrar-se aquillo deserto. Que não é bonito o sr Arriaga ver-se obrigado a dar festas na sua residencia, passando assim de Presidente da Republica a simples cidadão.

O sr. Braancamp estava talvêz a chuchar comnôsco. Então o sr. Manoel da Arriaga, lá porque foi guindado ás cumiadas da presidencia, deixou de sêr o venerando cidadão que ia passar as tardes ao Jardim da Estrella, de sobretudo cahido negligentemente sobre os hombros, com um sorriso nos labios para cada creança que via e com phrases amigaveis para os velhos que o rodeavam?

Não, senhôr Braancamp.

Não é o fausto, a grandêza o luxo que se impõem á consideração popular, mas os dotes de coração e de consciencia.

Bem sabemos que a um democrata «doublé» de aristocrata, como é o nosso rabugento, deve custar tudo quanto é pinderiquice.

Mas então, o que quêr?...

Não ha massa, não ha extravagancias. Ou o sr. Braancamp julga que têmos cabedaes para satisfazêr caprichos? Que temos aqui o dinheiro a escorrêr?

Não têmos, sr. Anselmo, não têmos. Se nos virarem de pernas para o ar não cae nem uma de cinco! Além d'isso o dinheiro não é para bródios, é para se empregar no necessario.

Ah! sr. Braancamp. O sr. tem dito a «muita gente» que não é esta a Republica que sonhou. Tem no dito e com magua, nós o sabêmos! Mas resigne se! Não chóre que lhe faz mal!

O sr. Anselmo sonhou uma Republica de chapeu á Napoleão e travadinha de veludo. Nós não a podemos sustentar assim. Tem que usar chale e mantilha se quizér.

Mas tomando o caso a sério que realmente é para isso:

—O sr. Braancamp não iria lambêr sabão?...

Ora abóbora!...

*

Aquella camara dos deputados parece uma escóla de meninos! Só falta aos illustres representantes levarem o «lanch» e apanharem a sua palmatoada. De resto é tal qual um collegio. Pois se é raro o dia em que não se levante um deputado para dizêr que rasgará o seu diploma se por acaso não fizerem o que elle quér!

Ora supponham que o sr. Arésta Branco é o professôr, e que chamou um menino á lição, isto é, deu-lhe a palavra. E' sabido que a primeira coisa que a creança diz é:

—O' sr. professôr! Aquelle menino (aponta um ministro) está a fazêr carêtas para mim! Olhe que eu rasgo o meu diplôma! (Começa a chorar) Estás a vêr que se levanta logo o outro e diz:

—E' mentira, sr. mestre. Este menino é que estava a fazêr a minha caricatura, ha boccado, Assim vou-me embóra. (Chora tambem) E lá se levanta o sr. Aresta para socegar os animos.

—Então meninos! Isso não se faz! Sentem se! (Já não choram as creanças)

De repente diz o menino Innocencio:

—O' sr. professôr! O menino José Beribosa está a apalpar-me as pernas! Se elle continuar, rasgo o meu diplôma! (Chóra)

Levanta-se o José Beribosa:

—E' mentira! Elle é que estava a apalpar as minhas. Assim tambem rasgo o meu diplôma! (Chóra tambem)

O que vale é que o sr. Aresta é que arranja a questão:

—Então, meninos «façam as pazes!» Sejam amigos. (As creanças, abraçam-se e beijam se).

Agóra levanta-se um e diz:

—O' sr. professor, dá-me licença que vá lá dentro?

Resposta do sr. Arésta já muito chateado:»

—Olhe! Vá e rasgue o diplôma! Já agóra...

Ora digam lá, parece ou não parece uma escola?

Mas não se assustem que ninguem rasga o diplôma! Sempre são 100$000 réis por mêz!...

*

Reservámos para o fim a cerimónia do Natal e do Anno Bom. De bôa vontade dáva-mos ao Zé um bello perú mas por causa das indigestões....damos-lhe as bôas festas.

Do perú já se encarregaram os do governo. E não é mau perú o orçamento: Um deficit ainda muito razoavel. Temos mais ainda o conflicto entre o Senado e a Camara dos Deputados e mais, mais. Até parece uma eterna «perúa». Mas não lembrêmos peccados tristes. Ao mênos passemos êstes oito dias despreocoupadamente! Não recordêmos veronicas! E o Zé, no cumprimento d'um devêr dá aos seus leitôres as melhóres.

Bôas Festas!

Viva a cégada!

Continúa a contradança!
Continua esta cégada!
Siga sempre o pé de dança!
Viva a grande mascarada!
O senhôr Egas Moniz
Será a «desinfeliz!
O senhôr Zé d'Alpoim
Irá vendêr gergelim!
O França Borges ao lado,
Para animar a função
Irá cantado o fado:
—«Quando eu era sachristão»...
Mais atráz, todo pachóla,
Vae Faustino da Fonseca,
Que veste, rebola a bola,
d'algoz da Bibliotheca!...
Lá vae o Carlos Callixto,
Fardado de mandão mór.
O' Christo, olhae me p'ra isto,
Que não ha coisa melhór!...
Com tão bôa mascarada
Até o papa se baba,
Descançae, rapaziada,
Que inda hoje não acaba!...

Bradaremos no deserto?

Chegamos muitas vezes, a sonhar que a Republica não é o regimen official d'este paiz, taes factos são os que dia a dia se nos deparam para vergonha não de certos troca-tintas, mas do paiz que, é infelizmente quem sofre com a vaidade d'uns e a animalidade d'outros.

Está na indole de toda a gente, a indispensavel tolerancia para com os altos poderes publicos ainda inexperientes n'essa bem difficil arte de governar e, forçoso se torna haver da parte do povo, uma certa benevolencia em erros e grandes (sem duvida) que se teem commettido por inepcia, e não, digamos em bôa hora, com intenções menos dignas ou fins inconfessaveis. Não senhor.

O que já é inadmissivel, e se impõe o dever de reclamar e exigir mesmo, é um serviço municipal digno d'uma capital d'um paiz com raivinhas de civilisado e pae de... tanto sabio; pois não senhor, o que por ahi se vê, é ignobil, e bem digno d'um logarejo onde, existam apenas «cubatas» de negros! Como se não bastassem essas ruas vergonhosas que por ahi vemos cheias de lixo e até de dejectos a toda a hora do dia, ainda a população suborbana da capital, tem de se ver com tódas as difficuldades que a incuria municipal para lá lhes despeja.

Por agora limitamos a nossa reclamação para beneficio dos pobres moradores de parte da freguezia do Beato que, comprehende as azinhagas da Bruxa, Planetas, Salgada, alto das Conchas, rua de Cima até Chellas onde, começando nos intransitaveis caminhos, acaba pela falta de luz e da policia que, por graça do cidadão Theophilo Braga, só faz serviço á porta do inventor da polvora, perdão, do cidadão Xavier Barreto ex-ministro da guerra!

Voltaremos ao assumpto.

Com aceio!

Conta o «Seculo» que no dia da chuva houve grandes inundações no Rêgo e immediações.

Caramba! D'esta vez ficou o Rêgo lavado!...

Jardim de Lisboa

Foi inaugurado na quinta-feira passada este elegante estabelecimento, propriedade do nosso amigo J. Peixinho e sito na Rua Garrett, 66.

A' inauguração assistiram representantes de toda a imprensa da capital, muitas senhoras e varias personalidades em evidencia como os srs. Xavier Barreto e Thomaz Cabreira. Emquanto na galeria uma orchestra executava algumas peças, foi servido aos convidados um delicadissimo «lunch,» sendo levantados ao «champagne muitos brindes.

Durante a festa foram distribuidos uns lindos versos de D. Luthgarda de Caires.

Ao Peixinho agradecemos o convite que amavelmente fez a «O Zé» e auguramos-lhe felicidades ao seu novo estabelecimento.

Viseira Carregada

Como se não fosse já magistralmente comica a orientação seguida pelos luminosos cerebros da Luzitania na ridiculissima questão das chinezas, acabam os mesmissimos luminosos cerebros de vir fechá la com chave de «latão», processando, querelando ou odiabo que os carregue a todos, as pobres mulheres que tiveram a infeliz ideia de vir a Portugal, lá porque eles tinham dito que isto era já um paiz civilisado, enganando assim as pobres filhas do celeste Imperio.

E teem esperança os nossos Argus de que não ha-de ficar impunes os nefandos crimes de tirar bichinhos aos portuguezes ceguetas, de ensaboar o juizo ao «grande» Euzebio Leão, o governador civil que com mais razão passará á posteridade, sem ofensa á saudosa memoria de Benjaimim Arrobas.

Não 1ão de os portuguezes chorar lagrimas de sangue ao vêr assim desmantelados os restos d'aquelle bom senso, que em tempos que lá vão, soube o Partido evidenciar quando em opposição á Monarchia e sempre verberando e chasqueando as carrapatas e pepineiras em que ella se envolvia, com grande gaudio nosso, de que agora de desforram os defensores que ainda por cá tem ! !.

Calcule-se quanto de bom, de justo e de util haveria já feito, se estes magistraes intelectos se tivessem dedicado com verdadeiro amor e igual dedicação á melhoria da nossa tr ste situação moral e material e á resolução de problemas vitaes da nossa terra. Estava já decerto salva a Patria e salvas, salvissimas, as batatas portuguezas.

Ninguem póde ter duvida.

Portugal tem ao seu serviço capacidades de tal jaez, que só por mangação se admitte que elle não seja já o primeiro do Mundo em administração, civilisação e prosperidade.

Mas descancemos que elles, os Euzebios todos, menos o Euzebio de Mello salvam isto e depressa, por este andar.

ARTHUR NEVES.

Eh! Lambaça!

O Juiz Pinto Lambaça
Não é Lambaça, é lambão,
Nem é lambão, é thalassa,
Ou nem isso, é thalassão!

Chega mesmo a sêr carraça
O tal juiz marmanjão,
Não é Pinto, é gallinhaça;
Não é Lambaça, é leitão!

Faz asneiras por pirraça,
Faz «botas» até mais não,
Faz tudo o alma damnada!...

Mas já que o Pinto Lambaça
Se torna assim tão lambão,
E' corrêrem no á lambada!...

Caracol & Alho

E' o titulo, d'uma nova revista do nosso presado collega Arthur Arriegas e Xavier Marques.

Parece, que subirá brevemente á scena num dos nossos theatros populares.

Ao correr da fita

— O' visinha, e capaz de me explicar uma coisa?
— Se pudér...
— E' que os jornaes agóra não fallam senão em tubarões. O que é um tubarão?
— Se quér que lhe diga, bem não sei. Mas parece-me que tubarão é um peixe...
— O'ra essa! Eu nunca ouvi as varinas apregoarem esse género Será besugo?
— E' maior!...
— Será Tainha?
— Ainda maior!..»
— Talvês pescada...
— Maiór, Maiór...
— E' peixe espada, talvêz
— Muito maiór, visinha, muito maiór..
— Então é por isso que as varinas não o vendem. Não cabe na canastra...
— Nem em vinte canastras juntas. Não é peixe é um peixão...
— E come-se?
— Come, mas é preciso cuidado. Começando a comer-lhe a cabeça podemo-nos engasgar...
— Então?
— Os Tubarões devem principiar a sêr comidos pelo rabo...

Hora suprema

Por absoluta necessidade, de darmos saida a original aglomerado, somos forçados a adiar para o proximo numero, o artigo de Ariejuaral que, responde ao do «Seculo», a proposito da instrução e de que já se occupou no numero passado.

O leitor, não perderá pela demora, assim lh'o affirmamos.

Monumento d'arte

Segundo nos consta, a illustre commissão dos Monumentos d'Arte, acaba de propôr à não menos illustre vereação Municipal de Lisboa, para que seja considerado monumento d'arte, aquelle andaime que, ha annos existe agarrado ao predio da photographia Novaes das escadinhas do Duque.

Dentro d'alguns dias, vae ser ajardinado aquelle local e collocado ali o respectivo guarda.

E' mais um monumento para admiração e veneração dos sabios e touristes extranjeiros.

Parabens.

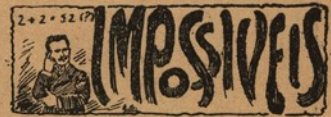
Vamos a isto!!

No modo de vêr, de certa imprensa hespanhola, parece que estamos em vesperas de darmos a alma ao creador. Assim, um pasquim que se intitula — «**Noticiero Extremeno**» e se publica em Badajoz, em seu numero 2 435, de 20 de Dezembro, dizia pela pena do seu notavel e... impagavel chronista em Lisboa que, os Monarchicos portuguezes, visto a pulsilanmidade demonstrada durante a revolução por D. Manoel II e D. Miguel de Bragança, offereciam o throno de Portugal ao principe Luiz de Battenberg, e se o preclarissimo e muito augústo principe não acceitar a Allemanha occupará Angola, Inglaterra Lourenço Marques, Hollanda Timor e Hespanha, o territorio portuguez.

Não nos surpreende, a animalidade de tal chronista, porque os ha por esse mundo fôra aos montes; mas simplesmente, que o muito nobre e fidalgo povo hespanhol, possa admittir a rasão da existencia em Badajoz, d'um pasquim que nem para o serviço d'uma cloaca serve!

Simplesmente nojento e desprezivel tal papeleta de Badajoz.

Emquanto que elles ladram, hade o nobre povo portuguez, demonstrar altivamente que a republica é o unico regimen que escolheu, implantou e bem saberá defendel o porque, a elle e só a elle importa a sua existencia. E' a resposta, que temos a dár aos que ainda tenham cataratas nos olhos.

E porque não experimentam os Battenbergs varios que por ahi ainda vegetam como as corujas?

— Acabarem os julgamentos dos conspiradores.
— Os thalassões declarados deixarem de elogiar a conferencia do sr. Cunha e Costa.
— Resolver-se a questão dos eletricos e acabarem os desastres d'estes.
— Extinguir-se a raça dos poetas.
— Acabar a idem dos criticos.
— Havêr alguem que o Laranjeira não conheça.
— O «já te biestes» passar a ser o capadinho o capadão.
— Canastra canastrão dizer se os re... são agóra mais baratos.
— A pomba viciosa deixar de se atirar a certas damas das nossas relações.
— A «gata sábia» dizer como vae o Meyrelles.
— A «pomba viciosa» ir á procura da mamã.
— O «capadinho capadão» fazer baratear o bacalhau.
— O «pé de leque» entender se com o capadinho capadão.
A «Esquadra» dizer que tal esteve a serenata do Largo da Fonte.
A mesma «Esquadra» dizer o que fez durante a serenata.
— O «lisa» cumprimentar o seu colega Zé do Forno.
— O «leitura» repetir os improvisos da menina do chaile branco.
— O «pharol» dizer qual era o... que conduzia.

Rua dos Condes

E' n'este theatro que vae vêr a luz da ribalta a opereta comica que o nosso camarada Arthur Neves, de colaboração com Caetano Pereira, acaba de fazer com o titulo «Sonho de Fado». Como já é sabido trata-se de uma parodia á celebre Opereta «Sonho de Valsa», estando encarregados da parte musical, aos laureados maestros Luiz Filgueiras e Alfredo Mantua, que decerto não desmerecerão n'este trabalho dos seus já bem firmados creditos. Vão muito adeantados os ensaios d'esta peça, pelo que não demorará a sua primeira representação.

A verdadeira arvore do Natal

Nada mais teem que pedir! Aqui, Portugal, tem de tudo para dar e vender!?

E' padre e basta...

Escreve-me um leitor assiduo dando-me conhecimento d'um facto bastante repugnante, que por pertencer á ordem das heroicidades da padralhada é a mim que me *toca* reproduzil-o e comental'o por ser eu o encarregado da secção *E' padre e basta...*

Vamos ao caso:

Ha annos no logar de Corças, freguezia de Sebadelhe da Serra, concelho de Trancoso, havia uma menina, filha d'uma distincta familia brazileira, que estava para casar com um rapaz da proxima freguezia do Reboleiro.

A menina mencionada foi-se confessar na vespera do casamento e taes cousas lhe disse o padre que a tal menina chegou a casa e disse abertamente ao que havia de ser seu marido e á familia que já não queria casar.

Que cousas se teriam passado no confessionario?

Que doutrina santificante empregaria o «papa-hostias» d'aquella terra para que a penitente resolvesse, sem que nem para que, despresar o homem que tinha escolhido para seu marido?

O que sabemos pela carta recebida é que passado pouco tempo, essa menina de puras intenções, essa aureola de castidade e candura, esse doce enlevo que fazia o orgulho d'uma familia honrada e sem macula, era a amante, a manceba, a barregã d'um homem que todos os crentes toleram na alcova nupcial, que se não importam que suas esposas estejam de joelhos aos pés d'elle pelo facto de vestir uma saia, uma batina preta e por que os «fieis» intendem que lhe hão de prestar obediencia por ser, a representante de Deus na terra...

Que faria o leitor se visse sua mulher, sua irmã, sua mãe, aos pés d'um homem?

Certamente correriam com elle por não ser natural o que se estava passando não é verdade?

Pois os fieis não fazem o que nós fariamos; lá por que esse homem usa corôa rapada á navalha e porque veste uma sotaina dizendo-se representante de Deus, tolera-se que um bandido de consciencia, um ladrão da sinceridade, um salteador do nosso dinheiro, seja objecto de todos os respeitos e de todas as considerações.

A menina a que alludo teve do «papa-christos» um ou dois filhos e o escandalo na freguezia foi tão grande que o bispo da Guarda mudou a freguezia ao patife do padre que, mais tarde abandonou a menina «citada», que se viu, por isso, na maior desgraça!...

O padre, de que temos pena não saber o nome para o publicar nas columnas do nosso jornal, deixou-a na mizeria a ponto de ser preciso fazer-lhe uma subscripção para ella ir para o Brazil, crê-se que está na cidade de Santos.

Com a entrada do padre no lar d'aquella familia esta ficou deshonrada, perdeu-se uma casa que vivia desaffogadamente, retalhou-se a vida a um casal que estava proximo a unir-se e mais uma vez se deus um exemplo «de moralidade christão».

A noiva velipendiada tinha quatro irmãos, pois nenhum d'elles teve a coragem, nem mesmo o homem que estava para ser marido d'ella, para pegar n'um cacete ou n'um revolver e fazer justiça por suas mãos visto que as auctoridades fecharam os olhos e o «Supremo Jehovah» que o padre representava na terra se não revoltava contra as conspurcações do seu nome.

O' vós que tendes as vossas candidas companheiras, lindos botões de rosas que aromatisam as vossas existencias, lede com attenção estas linhas despretenciosas escriptas sem facciosismo, pesae o acto na balança da vossa consciencia honesta e meditae na obra dos padres que se vos apresentam com apparencias de bondade.

Nenhum sacerdote é honesto por que não pode ter familia sua, não pode ser pae, ser esposo, não pode constituir lar e por isso procura desvirtuar aquellas que o recebam no seu seio.

Pode haver alguma coisa mais imoral e mais immundo que as nossas mulheres e irmãs contarem a homem desconhecido as intimidades conjugaes e sigam os conselhos d'um homem extranho a todos os sentimentos que de familias honradas possam originar-se?

Creio meu caro leitor, que por muito poderosa que seja a crença absurda incutida no espirito de nossas esposas, ainda aos mais crentes em materia religiosa, não deve ser isso motivo para tolerar-mos um cynico da verdade, um hypocrita da moral, que com sorrisos estudados ao espelho procuram deshonrar todos aquelles que se curvam á sua passagem.

CHACON SICILIA[illegible]I.

DESPRESO

Eras, casta Luizinha
O meu bem, a minha bela;
Hoje desve[illegible]ra minha
Não me [illegible]nenhuma aquela!

Renegas-te o meu amor
Não sei porque, sem razão;
Quando eu com mais ardor
Aspirava a tua mão.

Plantas te no peito meu
Um pé d'eterna saudade
Regado com odio, teu,
Com desprezo e falsidade.

Não te lembrando, sequer
Que a chaga da desventura
Nunca deixa de verter,
E' ferida que não tem cura.

Se queres pôr termo, ainda,
A's trevas da minha vida,
Concede me pomba linda
Em teu peito uma guarida.

Verás como em mim se agita
N'um ėrmo triste, isolado,
Um coração que palpita
Furioso, assanhado.

Veras como é bom amar
Quem de magoas tem um uiolho
E, como é bom ficar
Um rosto só com um olho!

STYL.

Em camisa!...

«A Capital,» outro dia, fallando do Senado, diz:

«São horas de encerrar a sessão. Alguns senadores vestem os casacos...»

Os estrangeiros hão de dizer:

— Então aquelles magicos estão reunidos em mangas de camisa?

Encyclopedia util

por Armando Ferreira

(Continuando)

ZOOLOGIA

Boi — Animal domestico; suporta a canga matrimonial com soffrimento e resignação. Joga as armas com facilidade; diz-se do marido que sofre com estoicismo a sogra e pucha á nóra. Os burguezes em geral são pés de bois.

Leão—Animal feroz mas que ás vezes parece... d'ouro. N'este caso vae-se lá comer. A's vezes fazem-se pela sua força, governadores civis dos outros animaes.

Aranha—Insecto de muitas pernas. Solteirona que aos 45 ainda tem o palmito e capella (Ninguem profundou ainda aquella aranha).

Orçamento d'um paiz; até se diz; nem sete ministros mataram aquella aranha.

Lampreia—Animal d'ovos, com uma pera em arco, com as tripas amarellas por fóra do corpo. Se este animal é camello, faz asneira pela certa.

Pescada—O antes de ser já o era, maritimo. Mulher bôa com certeza é uma... pescada alto... lá com ella!

Córvos—Senhorios, usurarios, notarios, credôres, organisadores de bandos precatorios, gatos pingados etc. etc.

Quando virem alguns fujam: são agoirentos como burro!

Botanica

Nábos—Planta que se planteia nas pucaras Quando estão crescidos diz-se:

Vamos a tirar nabos da pucara.

O Nabo é indigesto e provoca desenvolvimento de barriga. Cuidado meninas.

Aveia—Comida de cavallos. Todos nós temos: a veia grossa ou áorta.

A aveia em geral não está na hórta.

Espinafres—Misses; ao comerem-se fazem esperregado!

Chá—Manda-se vir para influir na educação Quem o toma em pequeno é bem educadinho, já se sabe.

Ha duas especies: o chá da China, e o shah da Persia.

E' preverivel o de parreira.

Salsa—Herva antiga que germina pelo Carnaval. De facalhão e corno em punho, pedem, Di cá dé-réis, ó salsa!

Pera—Fructa que abunda perto da Suissa de quem a tem é claro. A pera cresce e dá-se melhor com o calor. E' muito empregada em exportação. Nós mandamo-l'a muito.

(Continua

Recordações

E lembras-te decerto, Margarida, quando um dia saias dos Armazens Grandella, com tua mãe, que me despediu atravez o véo escuro, um olhar que me vergasteou as faces rubras?!

Como naquele dia me pareceste mais surpreendentemente bela!

A chuva, miudinha batia-me no rosto como picadas de alfinetes, e tú seguida de perto por ela, atravessando as ruas da baixa, mostravas aos olhos dos curiosos o teu lindo pé que saltitava pelo passeio lamacento encimado por toda a tua formusura e magnificente elegancia.

O coração batia me agora mais baixo e com mais vigor; mas eu não deixava de te seguir.

Esquecia chuva, esquecia tudo, e não despregava o olhar do teu gracioso vulto. Nisto, passa um electrico para a Estrela. Subiste com ella, e eu tambem subi depois. E, quando já de pé na plataforma da rectaguarda é que senti que estava todo molhado na frente.

E, dizia eu; maldito inverno que até o meu amor contrarias com os teus rigores.

STIL.

Teria graça

Os jornaes da grande, noticiam que uma commissão composta de notabilisimos... parlamentares, foi procurar o sr. Ministro das Colonias, para que voltasse ao seu antigo logar de governador de Cabo Verde, o sr. Marinha de Campos. Ha engano por fôrça, em nome da moralidade e da justiça, o que se deveria fazer, era levar até julgamento publico, o processo que o sr. Marinha tinha pendente, para se saber o que ha de verdade em toda essa vergonhosa retirada do sr. governador de Cabo verde.

E' culpado, cumpra-se a lei; é innocente, peçam-se responsabilidades ao sr. Amaro Gomes e mais provisorios.

Assim, quer o sr. Marinha de Campos queira quer não, a opinião publica tem e terá duvidas sobre a sua justiça, isto, embora, a sua «entourage» brade aos quatro ventos a immaculada governação do sr. Marinha em Cabo Verde.

Porque não se publica o resultado da syndicancia que parece se levou a efeito logo apcz a retirada do grande revolucionario e audaz heroe da Rotunda? Não seria optimo para o sr. Marinha de Campos?

Velhos males

A Republica, é claro que nos referimos á gazeta do notavel estadista Antonio José d'Almeida, lá vinha com o programma que vae ser adoptado pela... União Republicana.

Lemos, mastigamos e digerimos com geitinho para evitar uma indigestão.

O que valle, é que o pobre papel é a albarda mais pacifica e muda que conhecemos. Não se assustem leitores amigos, isto de programmas é um velho male... para inglez ver! Ora veremos.

Tout-passe, tout-casse tout lasse.

O Cadete do banco da Avenida

Caminhava-mos para casa, na noite de 20, subindo pachorrentamente a principal arteria da cidade, a Avenida da Liberdade, quando ouvimos ao longe o ciciar de duas bôccas que se beijavam.

Não é preciso ser-se bruxa da Arruda ou Madame Brouillard para advinhar que ficamos attentos, anciosos por descobrirmos o casal de pombinhos que tão ternamente arrulhávam.

Subimos, subimos, subimos...

E quanto mais subiamos, melhor ouviamos. Agora já não eram só beijos, eram palavras amorosas, phrases mais dôces que assucar de quatorze vintens o kilo. Oh! Lá estavam elles, os marôtos!

Elle um garbozo cadete, louro e bello no explendôr aureo da sua sonhadora mocidade; ella uma gentil creaturinha de pronuncia extrangeirada, muito elegante e com um chapeu de... Oh! madame, diga-me por favôr.

Onde comprou tão grande chapeu.

A muito custo conseguimos occultar-nos por detraz de uma arvore de forma a não sermos vistos e puzemo-nos de ouvido á escuta.

Então que querem, é um mau costume lá isso é mas para ouvirmos as baboseiras de dois namorados tudo se permitte. Afinal fômos ludibriados: o que nos chegou aos ouvidos foi um punhado de verdades, Ella entre beijos e abraços perguntou quando vestiria o seu J. (O nôme fica no tinteiro) o fardamento nôvo. Que não! Que não o mandava fazêr não lhe valia a pena, respondeu o C. (Cá fica outro. Este chegou ao aparo) Mas ella queria ir com elle ao theatro.

—Oh! filha (bumba chôcho) para isso não é preciso fatiota nova (outro chôcho). A difficuldade está na escolha (outro mais) Como ainda tenho os dez tostões do prét (lá foi outro) e fazendo um emprestimosinho isso arranja-se (outro ainda) Mas aonde iremos? (E não a deixou responder com tanto chuchar).

Seguiu-se a escolha do theatro. O **Republica** tem em scena a revista «N'um rufo» que foi a peça de mais successo na epocha passada e o espectaculo tem alem deste grande atrativo a representação de qualquer peça com o concurso dos grandes artistas Brazão, Rosa, Adelina Abranches ou Ferreira da Silya. No **Nacional** a famosa comedia norte-americana com que abriu epocha este anno não mais sahirá do cartaz sem pelo menos dar 100 representações.

A' pórfia com o Nacional está o **Apollo** com o «Chico das Pêgas» que está a alcançar a 100.ª a todo o galope. E' maravilhoso como uma opperetta consegue dar tantas representações seguidas. Tal só se realisa quando se trate de uma peça interessantissima de musica inspirada, mise-en-scene original e scenario de valôr e é este o caso da operetta de Schwalbach em scena no **Apollo.** Outra oppereta de successo é a «Princeza dos dollars» que na **Trindade**, devido ao tralho genial de Palmira Bastos e á voz surprehendente de Amadeu Ferrari tem merecido as mais vivas ovações de todo o publico. E não são só as peças de musica que triumpham.

Veja-se o **Rua dos Condes** que tem em scena a revista «Fandango e... maxixe» augmentada com o quadro novo «Gaifonas do Zé» que agradou plenamente; o **Variedades** o «Pae Paulino» a que os «Geraldos» vieram dar um brilho extraordinario com os seus maxixes e canções de tanto agrado e o **Infantil** a revistasinha muito engraçada «Talvez... pegue». Isto além do **Moderno** onde a peça de Esculapio agradou em cheio e o **Salão dos Anjos** onde a revista «Já te matei» todas as noites dá grande lucro.

Tudo isto nós ouvimos ao cadete e á respetiva pequena. Decidiram não ir ao theatro mas sim ao animatographo, pois ante tão bons espectaculos não sabiam por qual se decidir. Eis agora o que d'elles ouvimos sobre os animatographos e não sabemos que resolveram porque nos retiramos com medo de sermos descobertos.

O **Salão da Trindade** apresenta fitas da maior sensação como a «Uma... de tantas» que fez uma revolução em Lisboa. Continuam os espectadores dos deslumbrantes espectaculos d'este salão a apreciar os concertos, de programma escolhido a primor, do sextetto «Caggianni, um dos melhores que conhecemos.

No **Chiado-Terrasse** e **Olympia** as sessões da moda são sempre animadissimas e cheias de interesse pois as empresas capricham na organisação dos programmas como de resto todas as noites o fazem. No **Central**, onde a machina é de uma nitidez assombrosa, basta ver a multidão que sempre tem á porta para avaliar o valor das suas sessões, No **Foz** os numeros são applaudissimos e estão lá agora duas grandes celebridades que tanto successo estão causando com os seus trabalhos: a Miss Darwill (musical). e a troupe Cuno Alexandre. Vão vêr.

ZÉ PIMENTA.

Colyseu dos Recreios

Com uma enchente realisou-se a reprise da companhia Cittá di Firenze. Todos os espectaculos teem decorrido com o maior enthusiasmo tende a companhia a causar o mesmo successo que alcançou da primeira vez que esteve em Lisboa. E' perfeitamente justo que assim succeda pois, repetimos o que em tempos dissemos, é uma verdadeira campanhia de oppereta que se aprecia no **Colyseu dos Recreios.**

«O Rebelde»

E' mais um jornal, mais um paladino que vem abraçar a lucta no ingrato meio em que vegetamos.

Nasceu agora, ainda o teremos com o ardor do sangue rebelde por algum tempo na defeza d'uma das mais nobres, das mais generosas missões—a missão da defeza dos que heroica e desinteressadamente lançam a vida á labareda do incendio para bem da humanidade!

Ouvil-o-hemos quando, «O Rebelde», conhecer como nós os homens e as suas fraquezas.

Apresenta-se bem e digno d'um auspicioso futuro.

Os nossos parabens.

Festival de caridade

N'uma das primeiras casas de espectaculos de Lisbôa. realisa se brevemente um estival em beneficio das creanças, que compoem o encantador Orfeon Infantil, do Campo St.ª. Clara, hoje denominado Orfeon Infantil Maria Emilia Costa, e que tão aplaudido foi nas festas em que se apresentou, no Colyseu, theatro da Republica, e no Domingo proximo passado na festa da arvore no Lyceu Camões.

O producto d'este festival destina-se ao pagamento dos novos vestuarios e calçado, com que o orfeon se apresentará já, e que foram mandados confecionar pelo iniciadôr e promotor do festival.

Carnes caras!...

Um jornal da Sinfaes diz que ha gente no concelho que nunca provou carne de vacca porque... custa 240 réis cada kilo.

Vá lá, vá lá que é baratinha! Em Lisboa as carnes são mais caras. Principalmente vacca, gallo, etc. etc...

Rimar é bruta...

XIII

Donzella, linda donzella
E's airosa e seductora;
Fazes lembrar travadinha...
Um fino pau de vassoura.

XIV

Quando te vejo passeiando,
Seduz-me esse teu andar;
Pareces assim trotando,
As mulas do Salazar.

XV

Esses teus pés, meu amor,
Oh! que mimo que elles são,
Por certo foram roubados
Das pernas d'algum pavão.

XVI

Do teu chapeu exquisito,
Ha quem a dizer se afoite,
Que com essa forma conica,
Parece um vaso... da noite.

XVII

Tu és linda, minha amada,
Tu és um perfeito nimbo;
Porem, a tua carranca
Faz-me lembrar a d'um cachimbo.

XVIII

Quando te via mui bella,
Ao parapeito encostada,
Eu não sabia, donzella
Que a belleza era pintada,

ELMINO, FILINTO & ELIAS.

As illusões do Zé

Como o ingenuo menino ficará, ao deparar com as brôas que a republica lhe offereceu?!